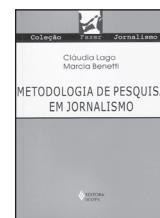


(Des)caminhos: o jornalismo e seus desafios metodológicos

Fernando Resende

LAGO, C.; BENETTI, M. (Org.) (2007). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes. 286 p.



Resumo: Esta resenha do livro *Metodologia de pesquisa em jornalismo*, organizado por Lago e Benetti, tem o desafio de pensar a problemática do método no campo em questão a partir da premissa com a qual trabalham suas organizadoras: todo trabalho de investigação, porque implica a construção de teorias e a busca por metodologias adequadas aos nossos propósitos e objetos de estudo, exige uma postura epistemológica. Partindo do princípio de que um paradoxo — revelado pela antinomia entre os termos real e discurso — instala-se nos objetos que, constituídos pelo simbólico, devem, ao mesmo tempo, obedecer à lei do real como referente, nosso objetivo é problematizar o olhar lançado ao jornalismo, buscando refletir em torno de alguns aspectos de fundo teórico, epistemológico e metodológico suscitados pelos próprios artigos coletados para o livro. Desse modo, conhecemos as pesquisas apresentadas e suas respectivas abordagens, ao mesmo tempo em que refletimos sobre os (des)caminhos metodológicos que o livro revela.

Palavras-chave: jornalismo; representação; metodologia; epistemologia

Abstract: *Digressions: journalism and its methodological challenges* — This review of the book *Metodologia de pesquisa em Jornalismo (Methodology of Research into Journalism)*, organized by Lago & Benetti, ponders the issue of methodology in the field of Journalism based on the premise from which its organizers work, i.e., that every research work, implying as it does the construction of theories and the search for methodologies suited to our purposes, requires an epistemological attitude. We start from the principle that there is a paradox, which is revealed by the antinomy between the terms *real* and *discourse*, in objects that are constituted of the symbolic but that must, at the same time, follow the laws of reality as reference. From this perspective, we seek to reflect on the way Journalism is

seen, pondering about some of the theoretical, epistemological and methodological aspects brought up by the articles collected for the book. This review introduces the reader to the researches presented and their respective approaches, while simultaneously leading him to reflect upon the methodological paths the book reveals.

Keywords: journalism; representation; methodology; epistemology

Reconhecer a necessidade de uma postura epistemológica na realização de uma pesquisa, diante do trabalho de construir teorias e buscar metodologias — um dos aspectos ressaltados pelo livro *Metodologia de pesquisa em jornalismo*, organizado por Lago e Benetti —, ainda que pareça refletir o óbvio, é uma premissa bastante cara a um campo cuja reflexão em torno do método é ainda frágil. As organizadoras, ao chamarem atenção para o que é regra geral para qualquer investigação, fazendo referência à “insipiência do discurso sobre o método” (p. 18), não nos remetem à idéia de um campo com pouca experiência em pesquisa — pois, ainda que relativamente jovem, a reflexão em torno do jornalismo tem sido vasta e, com isso, produzido grandes avanços. Elas nos fazem lembrar, particularmente, que pensar e problematizar métodos de pesquisa requer olhar para caminhos já percorridos, o que, de certa forma, é também do que trata o próprio livro. Assim, ao nos fazer atentos às perspectivas metodológicas que visam à compreensão do lugar complexo em que se inscreve o jornalístico, a obra nos leva a conhecer parte da produção já realizada, ao mesmo tempo em que nos coloca diante das especificidades do campo no que se refere à problemática do método.

Tanto a diversidade de abordagens teóricas e metodológicas de que o livro trata, em um conjunto de doze artigos, quanto a sua divisão em três partes que se interconectam — os métodos, conceitos e intersecções com o jornalismo (parte I), a aplicação dos métodos de pesquisa (parte II) e os exemplos de pesquisas e seus métodos (parte III) — definem o que me parece relevante tratar como uma das especificidades fundantes no que se refere à reflexão sobre os métodos no campo do jornalismo: a dicotomia — construída e muitas vezes reiterada pelo viés metodológico das pesquisas — entre o material e o simbólico.

O jornalístico, se nos permitirmos pensar à luz dos desafios e problemas enfrentados pela historiografia moderna, consiste, antes de tudo, em um esforço de articulação que gera um paradoxo, dirá Michel de Certeau (2002) acerca da historiografia, já que a ele — como também o é para a história — cabe como tarefa colocar em relação dois termos antinômicos: o discurso e o real. A escrita, tanto para a história quanto para o jornalismo, enquanto espaço de construção da representação de um real — acontecido ou em acontecimento — é, ao que parece, o lugar para o qual conflui o paradoxo a que alude Certeau; na escrita, o real representado deve se revelar, porém é também nela que descobrimos as faltas próprias a qualquer sistema de representação.

Lago e Benetti, ainda que não se refiram diretamente à escrita como problema, como Certeau em relação à historiografia, ao reunirem um conjunto de práticas metodológicas e pensamentos em torno do jornalismo — diversos e por vezes aparentemente díspares —,

revelam esse paradoxo, e nós, partindo dele, vemos evidenciada a necessidade de lançarmos um olhar plural, se quisermos, minimamente, cuidar das questões próprias aos campos dos quais o objetivo e o subjetivo são constitutivos. No conjunto dos artigos que compõem o livro, o paradoxo de que falamos é algo dado, pois, do ponto de vista epistemológico, teórico e metodológico, ele se revela ao mesmo tempo em que reflete os problemas com os quais inevitavelmente lidamos quando nos propomos a encontrar caminhos metodológicos que nos ajudem a conhecer os nossos objetos.

Preocupadas em falar de “matrizes geradoras de estratégias metodológicas” (p. 17), Lago e Benetti coletam para o livro artigos que, além de nos fazerem revisitar e ressignificar alguns conceitos e abordagens caros ao jornalismo, como *newsmaking*, *advocacy*, a questão do tempo, a teoria do agendamento e a análise de conteúdo, denunciam a dicotomia criada entre o que é/deve ser uma pesquisa quantitativa ou qualitativa. Artigos que nos revelam, ainda, na perspectiva da história, da economia política, da antropologia (com vistas às questões suscitadas pela etnografia), dos estudos do discurso e dos estudos literários (ressaltando a importância da teoria da recepção e da narratologia), o caminho multidisciplinar como recurso teórico e metodológico. Tendo em vista esses princípios apresentados no conjunto dos artigos, também sugiro que se leia este livro, procurando, no exercício de ler o agrupamento, cumprir o desafio que nos lança suas organizadoras: problematizar uma postura epistemológica necessária, articulando construções teóricas e buscas metodológicas. É o que faremos, a partir de agora, chamando atenção para o fato de que os três aspectos são interdependentes e certamente concomitantes.

Lago, em “Antropologia e jornalismo: uma questão de método”, nos permite refletir sobre a postura epistemológica que parece pertinente ao campo do jornalismo. Para a autora, as discussões que a antropologia trava em torno da metodologia que a comporta são o que lhe confere força e vivacidade, o que, nas suas palavras, “pode ajudar a reflexão epistemológica no interior das outras disciplinas” (p. 53). Sem a ingenuidade de pensar em uma transposição direta da antropologia para o jornalismo — ajustes precisam ser feitos, dirá a autora —, esse artigo nos convida a problematizar o nosso lugar de pesquisador e/ou jornalista no processo de construção de conhecimento sobre o jornalismo. Trata-se, no entender desta nossa reflexão, de ressaltar a importância de assumirmos uma postura de extrema relevância — “como introduzir a questão da subjetividade em nossas pesquisas [...]?” (p. 61) —, pois essa é uma questão que, do ponto de vista epistemológico, nos coloca diante da necessária produção e compreensão de um pensamento e uma prática que não se articulam sem sujeitos.

Outro aspecto que me parece essencial, se falamos de postura epistemológica diante de nossas pesquisas, aparece em “Vertentes da economia política da comunicação e jornalismo”. Serra, além de nos oferecer uma importante revisão bibliográfica das relações entre economia política e jornalismo, levanta o problema de que, na perspectiva da construção de conhecimento sobre o campo que nos concerne, a economia

política tem se constituído como uma “falta”. Esse aspecto, sublinhamos, reflete uma problemática de âmbito maior: as reflexões que produzimos sobre este campo, muitas vezes, reiteram hegemonias, negligenciando abordagens que podem contribuir para o exercício de uma crítica.

Se, de acordo com Serra, a economia política, particularmente na sua vertente crítica, pode contribuir para uma problematização mais ampla do nosso objeto de estudo, é a essa mesma postura que devemos recorrer ao nos lançarmos à tarefa de produzir conhecimento sobre o jornalismo. Levando em conta o paradoxo tratada nesta nossa reflexão, sem abrir mão do já construído sobre o campo, faz-se fundamental assumir uma postura epistemológica que vise a uma perspectiva crítica, não com o propósito esvaziado de definir modelos contrários ao estabelecido, mas, antes, com o objetivo de entrelaçar interrogantes que possam contribuir para que, mais que explicar o funcionamento do nosso objeto, possamos trabalhar com proposições e descobertas de práticas e pensamentos tornados menores diante de perspectivas hegemônicas.

Desse modo, à luz de uma postura epistemológica crítica em relação ao que se apresenta confortavelmente instalado e aberta ao (re)conhecimento da presença e das intervenções do sujeito no objeto que pesquisamos, renovam-se os rumos de uma construção teórica, pois assim nos são oferecidas condições para que um trabalho efetivo de produção de pensamento seja realizado. Os artigos de Herscovitz — texto que problematiza e apresenta a análise de conteúdo como recurso metodológico ampliado —, Martins da Silva — que nos propõe ver o agendamento no seu avesso —, Vizeu — que, ao dizer de um “etnojornalismo”, ressignifica o *newsmaking* — e de Adghirni e Moraes — que, à luz das problemáticas em relação ao “tempo” no *on-line*, nos impõem o desafio de “capturar o duplo fenômeno do fluxo, armazená-lo em sua fugacidade e perenizá-lo em sua interpretação” (p. 250) — são exemplos importantes, no âmbito metodológico, dos vários caminhos que temos a percorrer no processo de alargamento dos conceitos que interagem com a produção de conhecimento acerca do nosso objeto de pesquisa.

No conjunto dos artigos, esses exemplos, que nos interrogam acerca do que está aparentemente construído, são somados, ainda, às proposições de que tanto a narrativa como o discurso jornalísticos possam também ser nossos objetos de análise. Desse modo, nossas buscas metodológicas são intensificadas, seja porque no âmbito dessa narrativa se concebe e se apreende uma visão histórica, como dirá Romancini, ou porque nela “ações e performances socioculturais” (p. 145) são realizadas, como nos mostrará Motta ao discutir a questão da narratologia no jornalismo. Da mesma forma, ao problematizar o discurso jornalístico, Benetti toma-o como lugar de produção de conhecimento, já que nele, dirá a autora, se reconhecem vozes e sentidos. Na perspectiva da análise do discurso de linha francesa, Benetti nos convida a investigar a presença dos sujeitos no processo de enunciação e de construção do enunciado — veja quão relevante é uma postura epistemológica problematizada diante desse modo de compreender o jornalismo

—, oferecendo elementos importantes para que possamos escavar — se quisermos falar com Foucault — as (des)ordens do discurso jornalístico.

Assim, o que a análise do discurso e da narrativa traz à tona é, muito especialmente, a problemática da representação; uma perspectiva de extrema relevância, pois, vale lembrar, tratamos de um campo que carrega no seu histórico o esforço de minimizar, quando não desqualificar, o paradoxo que, no escopo da nossa reflexão, já foi considerado fundante. As buscas pelo método mais adequado ao nosso objeto e aos nossos propósitos, desse modo, se complexificam, pois aprendemos a reconhecer que, na dimensão ambígua na qual se instala o jornalístico, o discurso que obedece a lei de se referendar no real é também estruturado a partir do simbólico.

Os relatos de pesquisa, associados a suas respectivas abordagens metodológicas, complementam o esforço, no livro, de nos provocar os sentidos. A experiência do GJOL, por exemplo, para além das formulações teóricas que constroem em torno do jornalismo *on-line*, nos incita a construir métodos, não só quando chamam a atenção para uma perspectiva que hibridize o quantitativo e o qualitativo, mas também quando Machado e Palacios, no artigo “Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL”, fazem referência à importância de uma produção conjunta. Um aspecto também levantado no artigo de Serin Cunha quando, ao tratar do uso do software SPSS como ferramenta na sua pesquisa, diz que “[...] a complexidade [das] pesquisas e os temas transversais que abordam levam à constituição de equipes multidisciplinares [...]” (p. 170). Como esta leitura do conjunto deseja reforçar, esses são procedimentos metodológicos que nos incitam a pensar na premência de uma atitude de constante reposicionamento diante do objeto; um desafio que, na dinâmica que experimentamos no contemporâneo, pode se fazer contundente.

Michel de Certeau, ao refletir sobre o paradoxo que enfrenta a historiografia moderna, dá aos nossos processos de análise e compreensão do objeto o nome de “desvios metodológicos” (p. 10). Em se tratando desse autor, podemos considerar que esses desvios tanto podem ser atalhos que nos deixariam mais próximos do problema como modos de escaparmos das problemáticas apresentadas pelos nossos objetos. Desse modo, entendemos, entre o nosso olhar de pesquisador e os objetos que investigamos perpassa uma linha tênue, que marca as aproximações e os distanciamentos, desenhando perspectivas necessárias e, ao mesmo tempo, bloqueadoras.

O artigo “A invenção do Outro na mídia semanal”, de Prado e Bairon, nesse sentido, é preciso. Na busca pela formação do que os autores chamam de “leitor infiel” (p. 274) — um sujeito que possa se fazer crítico frente aos (des)ditos da mídia —, Prado e Bairon procuram compreender a inscrição do Outro no discurso jornalístico, avaliando a tendência de se reduzir ou assimilar o “Outro” ao “Mesmo”. Além dessa problemática fundamental, se desejarmos entender minimamente o jornalístico na perspectiva do processo de produção/circulação/recepção, os autores, por meio do que eles chamam de

“contra-reportagem”, constroem uma metodologia de investigação na mesma medida em que operam no sentido de desconstruírem o método de produção da notícia.

Lago e Benetti, na apresentação do livro, sugerem que ele não seja entendido como manual de aplicação instrumental dos métodos abordados, mas que suas reflexões “ajudem o pesquisador a ter elementos para trilhar seu próprio caminho” (p. 19). À proposta das organizadoras sugiro somar a reflexão a que nos incita Prado e Bairon: ao buscar conhecer a falta — o problema — como se partissem de dentro para fora, esses autores ativam um gesto metodológico que, nos limites desta nossa reflexão, nos auxilia a entender que tomar os nossos desvios pode significar, muitas vezes, ter de reconhecer que há descaminhos a seguir. Uma constatação que, no complexo processo de construir teorias e buscar metodologias, nos leva invariavelmente a uma postura epistemológica cuja indagação de fundo é: como construir nossos caminhos na extensão da linha que desenha tanto os nossos objetos — os Outros que inventamos — como a nós mesmos?

Referências

- CERTEAU, Michel de (2002). *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 345 p.
- FOUCAULT, Michel (1996). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola. 79 p.
- LAGO, C.; BENETTI, M. (Org.) (2007). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes. 286 p.

FERNANDO RESENDE é professor e pesquisador visitante (Faperj) do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em Estudos Literários (UFMG) e doutor em Ciências da Comunicação (USP).

fernandoresende@terra.com.br